

RELAÇÃO ENTRE A DOCÊNCIA E A(S) MASCULINIDADE(S): UM ESTUDO COM PROFESSORES NA CIDADE DE PELOTAS/RS

AMÉLIA TERESINHA BRUM DA CUNHA¹; MÁRCIA ONDINA VIEIRA
FERREIRA²

1 Universidade Federal de Pelotas – doutoranda - ameliabrum@gmail.com
2 Universidade Federal de Pelotas – orientadora - marciaondina@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que os estudos da feminização docente focam-se, geralmente, nos processos pelos quais as mulheres chegam à docência. Desse modo, conhecer como os homens se relacionam com a docência poderá produzir conhecimento acerca de um assunto que urge debate na educação, especialmente àquela articulada com temas ainda pouco explorados como gênero, sexualidade e masculinidade(s).

Há muito os discursos acerca da sexualidade infantil, os quais atribuem à infância características como ingenuidade e assexualidade, vêm sendo questionados. E com base nesses questionamentos, estudiosos/as tencionam proporcionar uma reflexão que pode ser usada nas escolas, principalmente entre os professores e as professoras que ainda mantém uma relação de cuidado e responsabilidade com as questões de gênero e sexualidade infantil, visto que, como afirma Felipe (1998), “Muitas professoras tomam para si a responsabilidade de vigilância diante da possível orientação sexual das crianças, especialmente quando se trata de meninos [...]” (FELIPE, 1998, p.58).

Os estudos sobre masculinidades tiveram início na década de 80 do século passado, mas, somente a partir da segunda metade dos anos 90 é que esse campo de estudos mostrou a construção de uma complexa discussão sobre o tema.

Tanto no meu curso de magistério como nas minhas graduações – Estudos Sociais e História -, havia uma disciplina na estrutura curricular que tratasse sobre sexualidade ou adolescência, obrigando-nos, assim, a discutir esses temas em pequenas conversas que aconteciam nos intervalos ou nos corredores.

Esse questionamento específico começou a me inquietar de modo mais intenso quando lecionei como professora substituta no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação – FaE/UFPEL, entre o ano de 2008 e 2010 e com a Licenciatura em Pedagogia a Distância pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFPEL, entre 2009 e 2011. Percebi que os temas sexualidade e gênero em suas relações com a docência não faziam parte das reflexões sobre o meu cotidiano em sala de aula porque esse era um assunto substituído pelas preocupações com o processo de ensino-aprendizagem, a disciplina e o desempenho das/os estudantes.

Este trabalho, portanto, é parte de uma pesquisa de doutorado cujo objeto é a docência masculina. Nela, busco analisar e problematizar acerca dos processos de constituição docente a partir de professores homens da educação infantil e anos iniciais, bem como procuro (1) evidenciar como os professores homens lidam com as questões de gênero e sexualidade das crianças em sala de aula e na escola; (2) esclarecer como a presença masculina, enquanto docentes, pode ser significativa na produção de sentidos e significados de gênero com

crianças; (3) identificar a percepção dos professores sobre as questões de gênero e sexualidade nas suas práticas docentes; (4) entender quais discursos permeiam as relações na sala de aula entre o professor e as crianças.

A questão que direciona o estudo pretende mostrar o que revelam os professores homens da educação infantil e anos iniciais a respeito de sexualidade e gênero e como essas questões devem ser trabalhadas, segundo esses professores, no currículo da sala de aula.

Nesse sentido, conhecer as trajetórias vividas pelos professores na sua constituição docente e nos modos e formas pelas quais essa constituição se reproduz no exercício da profissão contribuirá na compreensão de como as práticas discursivas adotadas expressam conceitos culturalmente apropriados para a construção de um determinado tipo de feminilidade e masculinidade - no caso, com crianças na escola -, já que, segundo Foucault (2008), “falar é fazer alguma coisa (...)” (FOUCAULT, 2008, p. 237).

2. METODOLOGIA

A pesquisa será desenvolvida com professores em escolas públicas de Pelotas/RS.

Assim, tendo como objeto a constituição docente de homens que exercem suas atividades profissionais com crianças, percebi como adequada a utilização da abordagem qualitativa para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que possibilita à pesquisadora submeter seu objeto a uma interpretação que revele “seu sentido mais completo” (MARCONDES, 2010, p. 28). A abordagem qualitativa se presta aos propósitos da minha investigação porque neste tipo de abordagem, de forma geral, é possível dispor de “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN E LINCOLN, 2000, p. 17).

No que tange às técnicas de coleta de dados, deverei adotar a observação em sala de aula e nas dependências das escolas que servirão de lócus da pesquisa. A observação estará associada a outras técnicas de coleta de dados, como a entrevista e a análise documental.

Para compor a análise documental busquei as teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação até o ano de 2011 e disponibilizados, desde o ano de 1987, no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A seleção dos trabalhos consistiu na identificação das palavras-chaves e/ou dos seguintes termos/descriptores: masculinidade(s)/docência; gênero/sexualidade(s)/docência.

No que se refere às teses e dissertações publicadas pela Capes, foram examinadas 41 teses e 72 dissertações que versaram sobre docência e gênero. Ao refinar a busca no Banco de Teses, utilizando o descritor “Educação Masculina”, encontrei 8 teses e 34 dissertações.

Além dessas fontes de dados expostos acima, ainda fazem parte da metodologia da pesquisa o levantamento do número de docentes no país por sexo, região e nível de atuação, o que será alcançado por meio de buscas no Banco de Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC.

No que se refere à observação, Lüdke e André (1986) afirmam que “a observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (p. 26). Nesta perspectiva, a pesquisadora pode chegar mais perto daqueles que constroem com ela a pesquisa, no caso concreto, os participantes.

Associada às observações pretendo realizar entrevistas semi-estruturadas com os professores. Para isso, trago a perspectiva dada por Szymanski (2004) que considera que na entrevista “o entrevistado, ao aceitar o convite para participar da pesquisa, está aceitando os interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo em que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro” (p. 77), existindo uma mútua influência entre quem entrevista e quem é entrevistado ou como colocam Lüdke e André (1986) “a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Por fim, os meios pelos quais os dados obtidos serão analisados consistem naquilo que Lüdke e André (1986) classificam como sendo “trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os primeiros contatos efetuados até o momento com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) indicam um reduzido número de docentes homens em exercício nos anos iniciais na cidade de Pelotas.

Essa situação manifesta-se em todo país, de acordo com o que mostra o Censo da Educação Básica de 2012. Segundo o documento, o número total de professores homens no Brasil é de 411.546 contra um total de 1.689.862 de mulheres.

Deste total, a maior concentração de professores homens está na região Sudeste com 154.547 professores, seguido da região Nordeste com 127.504, a região Norte aparece com 52.381, logo a seguir está o sul com 48.428 mil professores homens e por fim o centro-oeste com 28.686 docentes do sexo masculino. A região Nordeste é a que, proporcionalmente, possui mais educadores homens na educação básica. Dos 613 mil professores dessa região, 20% são homens. No Brasil, a educação básica compreende a Educação Infantil, tendo a creche e a pré-escola, o Ensino Fundamental que compreende os anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio.

As análises efetuadas nas pesquisas disponibilizadas no Banco de Teses, conforme apontado acima, buscaram identificar como os/as autores/as utilizaram os conceitos, quais os referenciais teóricos usados, como relacionavam masculinidade(s), gênero, sexualidade(s) e docência, além de verificar se os trabalhos situaram-se nos campos dos estudos culturais, dos estudos de gênero ou do pós-estruturalismo, já que estas abordagens propiciam explicar e pensar sobre masculinidade(s), gênero e sexualidade(s) de modo distanciado das abordagens biológicas e psicológicas.

Foi possível perceber pelas análises que alguns trabalhos estão voltados a discutir o quanto a maioria feminina na docência estimula uma representação do caráter pouco profissional da mesma, assemelhando-se à extensão do cuidado que, diz-se, é característico do (não reconhecido) trabalho feminino realizados nos lares - aliás, essa é a formulação relacionando gênero e docência que mais presença tem na literatura especializada em nosso país (CARVALHO, 1999), o que implica na elaboração de políticas públicas que devem passar a acentuar a necessidade de profissionalização da docência na educação infantil.

As pesquisas que versam sobre identidade de gênero e identidade docente trazem importantes questionamentos em relação à presença de homens na condição de professores, especialmente nas séries iniciais, já que a profissão

docente é orientada por modelos de papéis sexuais dicotomizados e diferenciados.

Alguns estudos demonstram como se dá o processo de produção e reprodução das identidades de gênero e sexuais nas crianças, por meio das práticas professorais, mesmo que os e as docentes não percebam sua ação nessa construção. Convenci-me, assim, a partir da leitura das pesquisas, da necessidade do aumento substancial da discussão e conhecimento a respeito do assunto na formação docente inicial e continuada.

4. CONCLUSÕES

As análises demonstraram que as investigações a respeito da constituição docente e suas implicações no fazer pedagógico e na produção das identidades sexuais e de gênero com crianças têm relevância na escola se considerarmos que a instituição escolar ocupa uma posição privilegiada na construção e reprodução dos sujeitos. Nesse sentido, conhecer e problematizar acerca da constituição docente poderá contribuir - ao relacionar docência, infância e gênero - na discussão e resignificação de alguns conceitos que permeiam as práticas educacionais. Por outra parte, compreender a influência das identidades de gênero e sexuais na constituição dos sujeitos docentes certamente impulsiona uma série de novas reflexões a respeito do trabalho docente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, M. P. de. **No coração da sala de aula; gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

CARVALHO, M. P. de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 406-423, 1998.

DENZIN, Norman K. E LINCOLN, Yvonna S.. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna (Eds). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc., 2000, p. 1-25.

Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2012 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília : Inep, 2013.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 111-124.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1986.

MARCONDES, Maria Inês. A observação nos estudos de sala de aula e do cotidiano escolar. MARCONDES, M. I. , TEIXEIRA, E. e OLIVEIRA, I. A. (Orgs.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. Cap. 2, p. 25-35.

SZYMANSKY, H. (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Líber Livro, 2004.